



Um duplo perigo: soldados judeus na Força Expedicionária Brasileira

A Double Danger: Jewish Soldiers in Força Expedicionária Brasileira

Israel Blajberg*

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) | Rio de Janeiro, Brasil

ibljajberg@poli.ufrj.br

Resumo: Este artigo trata da participação de soldados judeus na Força Expedicionária Brasileira (FEB), a única tropa de um país latino-americano a entrar em combate na Segunda Guerra Mundial. São ainda objeto de estudo deste artigo o ataque nazista que determinou a entrada do Brasil na guerra, a formação da FEB e as principais batalhas travadas, todas com participação relevante de soldados judeus. É apresentada, ainda, uma lista dos soldados judeus da FEB e minibiografias de alguns dos que mais se destacaram em combate ou na vida civil do pós-guerra.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. FEB. Judeus.

Abstract: This article addresses the participation of Jewish soldiers in the Força Expedicionária Brasileira (FEB), the only troop of a Latin American country to enter combat in World War II. Also object of study of this article are the Nazi attack that determined Brazil's entry into the war, the formation of BEF, and the main battles fought, all with relevant participation of Jewish soldiers. A list of FEB Jewish soldiers, and mini-biographies of some who stand out most in combat, or in postwar civilian life, are presented.

Keywords: World War II. BEF. Jews.

1 O ataque nazista ao Brasil

Há 75 anos, um Brasil ainda rural, pouco industrializado, carente de infraestrutura, pacífico e ordeiro, sofreu, sem aviso, cruel agressão por parte da mais poderosa potência militar da época, utilizando uma ultramoderna arma submarina.

Em apenas 4 dias, em agosto de 1942, 6 navios foram torpedeados pelo submarino U-507, fazendo desaparecer no mar 600 brasileiros inocentes, passageiros e tripulantes dos mercantes Baependy, Itagiba, Araraquara, Annibal Benévolo, Arará e Jacira, embarcações civis de cabotagem, navegando desarmadas em águas territoriais.

* Professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense (UFF).



A comunidade judaica brasileira também pagou um preço doloroso, com a morte de pelo menos quatro de seus integrantes: no Annibal Benévolo, desapareceu o 2º. Comissário Maurício José Pinkusfeld, 18 anos, que acabara de sair da Escola de Marinha Mercante. Foi sua primeira, última e única viagem. No Itagiba, pereceram os passageiros Alter Ber Zylbersztajn e Nute Faiwel Zylbersztajn (pai e filho), e no Araraquara o passageiro Jaime Sagorski.

A sociedade civil, aturdida, se uniu contra o nazi-fascismo. Em todas as cidades bandeiras de países do Eixo eram queimadas nas ruas, numa onda de repulsa na qual se destacou a União Nacional dos Estudantes (UNE). Eram, estes, os precursores dos futuros “caras-pintadas”.

Diante do clamor popular nas ruas, em 22 de agosto de 1942, o Governo do Presidente Vargas reconheceu o estado de beligerância, e no dia 31, por intermédio do Decreto-lei 10.358, o Brasil declarou estado de guerra com Alemanha e Itália. Há quase um século, o país não conhecia a guerra, mas logo iria se tornar a única nação latino-americana cujas tropas combateram na Segunda Guerra Mundial.

O governo determinou a criação e a organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB), uma Divisão de Infantaria a ser enviada ao Teatro de Operações da Europa, com 25 mil homens e 70 enfermeiras, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes.

Começava o recrutamento, empolgando toda a sociedade. Não eram as forças armadas que estavam em guerra, mas o povo brasileiro, comovido com a tragédia que se abateu sobre tantas famílias.

Apresentaram-se grandes dificuldades para formar um Corpo Expedicionário, como armamento obsoleto, doutrina ultrapassada e baixa higidez física da população brasileira.

Dos 40 milhões de habitantes, foram mobilizados cerca de 200 mil soldados. Comparando com a população de hoje, 5 vezes maior, seria necessário mobilizar 1 milhão de soldados.

Foi, desse modo, um grande esforço nacional que, mesmo atualmente, seria um feito notável colocar, do outro lado do mundo, 25 mil soldados armados e equipados, prontos para o combate, demandando por dia, entre outras coisas, de 300 a 400 toneladas de suprimentos.

O embarque da FEB realizou-se em 5 escalões, cada navio transportou 5 mil homens, tendo o primeiro embarcado em julho de 1944, apenas conhecendo o destino, Nápoles, já em alto-mar. O quinto escalão chegou em Nápoles em fevereiro de 1945.



2 Contribuição da comunidade judaica no esforço de guerra

A composição das tropas nacionais representava um microcosmo da sociedade brasileira, com recrutamento de soldados, marinheiros e aviadores de todos os estados do Brasil e oriundos de variados grupamentos étnicos.

As tropas eram, assim, um recorte da sociedade brasileira. Em sua maioria absoluta, não eram militares profissionais, mas soldados-cidadãos que prestavam serviço militar, convocados ou voluntários.

Seguiu para o Teatro de Operações (TO) uma tropa na qual havia nordestinos, gaúchos, cariocas, paulistas, nortistas, com a diversificação geográfica garantida pela própria estrutura nuclear da FEB, com três regimentos: Sampaio, da Vila Militar no Rio de Janeiro; Ipiranga, de Caçapava/São Paulo; e Tiradentes, de São João d'El Rey/Minas Gerais.

Havia também descendentes de imigrantes, fossem portugueses, poloneses, italianos, judeus, nisseis, espanhóis e até alemães, procedentes de cidades do Sul do Brasil com importante colonização germânica.

A comunidade judaica brasileira logo se mostrou presente no processo de formação da FEB, em meio a diversidade de origens dos pracinhas, incluindo-se também os descendentes de judeus, em sua maioria brasileiros natos de primeira geração que atendiam o chamado às armas.

Filhos de imigrantes, seus pais e avós haviam aportado no Brasil procedentes de países como Rússia, Polônia, Turquia. Alguns vieram diretamente para as colônias agrícolas estabelecidas por iniciativa do Barão Hirsch, em Erechim, Santa Maria, Quatro Irmãos, no Rio Grande do Sul. Outros se estabeleceram nas capitais, em geral em bairros como a Praça XI, Bom Retiro e Bonfim, onde já habitavam correligionários.

Pelo recenseamento de 1940, verifica-se que 55.606 habitantes declararam-se de religião judaica. Já os registros da imigração acusavam a entrada de 69 mil declarantes de fé judaica, no período 1881 - 1942.

A participação de soldados brasileiros judeus na FEB foi relevante e digna de nota. Alguns deles se tornaram heróis, agraciados com valiosas medalhas concedidas apenas em casos de bravura excepcional em combate, como a Silver Star do Exército Americano e a Cruz de Combate de 1ª. Classe. Essa participação dos judeus brasileiros no esforço de guerra incluiu a doação de um avião, joias de ouro e alistamento de jovens da comunidade. Entretanto, com o término da guerra uma parte destes não seguiu para a Europa, como estava previsto originalmente, já que a FEB seria composta



por 3 Divisões de Infantaria Expedicionária, das quais apenas a 1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) atravessou o Oceano Atlântico.

Em 8 de maio de 2005, por ocasião do 60º. Aniversário do Dia da Vitória, uma homenagem foi prestada a 42 Ex-combatentes Brasileiros Judeus da 2ª. Guerra Mundial, das Forças de Terra, Mar e Ar e Marinha Mercante, no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro, incluindo 25 integrantes da FEB.

Para tanto, a comissão organizadora procedeu, desde o final de 2004, a um levantamento de nomes, cujo resultado abrangeu 42 militares, de Soldado a Marechal, dos quais apenas 13 ainda estavam vivos, na época.

O espectro de origem era amplo, desde Oficiais e Sargentos da Ativa, até estudantes universitários, como tal incorporados aos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (CPORs), e agricultores e escriturários que se alistavam como soldados rasos.

Diversos desses soldados distinguiram-se na carreira militar. Outros ocuparam posições de destaque na sociedade civil, especialmente nas artes, na literatura e na política.

Os números totais de judeus incorporados em todas as forças não são conhecidos. Entretanto, depreende-se que foram expressivos, conforme notícias da época e fotografias de jornais, mesmo que apenas uma parcela minoritária da comunidade judaica fosse elegível para incorporação às Forças Armadas, uma vez que, na época, a maioria dos judeus eram imigrantes, portanto, cidadãos estrangeiros, desobrigados do serviço militar.

3 Lista nominativa dos soldados judeus da FEB

Em 8 de maio de 2005, por ocasião do 60º. Aniversário do Dia da Vitória, uma homenagem foi prestada a 42 Ex-combatentes Brasileiros Judeus da 2ª. Guerra Mundial, das Forças de Terra, Mar e Ar e Marinha Mercante, no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro, incluindo 25 integrantes da FEB.

Dos 42 Ex-combatentes Brasileiros Judeus da 2ª. Guerra Mundial homenageados em 2005, 25 eram integrantes da FEB, conforme lista a seguir, na qual, entre parênteses consta o posto atingido ao final da carreira:

• Oficiais da ativa oriundos da Escola Militar do Realengo (EMR):

Tenente Alberto Chahon (Coronel de Material Bélico)

Tenente Moyses Chahon (General de Divisão)

Tenente Salli Szajferber (Coronel de Artilharia)

Capitão Salomão Naslauský (Coronel de Artilharia)



Capitão Samuel Kicis (General de Divisão)
Oficiais R/2 (Oriundos dos CPORs e NPORs)
2º Tenente de Infantaria Dr. Israel Rosenthal
2º Tenente de Infantaria Marcos Cerkes
2º Tenente de Artilharia Marcos Galper
2º Tenente de Infantaria Pedro Kullock
2º Tenente de Infantaria Salomão Malina
2º Tenente Médico Dr. Samuel Soichet

- **Sargentos**

3º Sargento Adio Novak (Capitão)
3º Sargento Boris Schnaiderman
3º Sargento Heitor Pinto Sennes (Major)
2º Sargento Henrique Schaladowsky
3º Sargento Jacob Perelmann (Capitão)
3º Sargento Rafael Eshrique

- **Cabos e Soldados**

Soldado Carleto Bermeguy
Cabo Carlos Scliar
Cabo David Lavinsky
Soldado Elias Niremberg
Cabo Samuel Safker
Cabo Saul Antelman
Cabo Moises Gitz
Soldado Jacob Gorender

Embora não sendo brasileiro, pela sua relevância, mencionamos o Comandante do 5º. Exército norte-americano, a quem a FEB estava operacionalmente subordinada. Trata-se do General Mark Wayne Clark. Ele foi um soldado de terceira geração. Sua mãe Rebecca era judia, mas casou-se fora da religião com o Coronel J. Clark, tendo Mark nascido na base militar Madison Barracks, NY, em maio de 1896. Entretanto, em 1913, ao ser admitido na Academia Militar de West Point, Clark optou pela Igreja Episcopal, para não sofrer discriminação na carreira. Clark acabou chegando a General de três estrelas em 1942, com apenas 46 anos, o mais novo na época.

Ferido em combate na 1ª. Guerra Mundial, Clark, em 1943, como homem de confiança do General e futuro Presidente Dwight Eisenhower, organizou e treinou o 5ª. Exército no Norte da África, que invadiu a Itália, tendo sido a primeira tropa norte-americana a desembarcar na Europa.



O 5^a. Exército avançou do Sul para o Norte da Itália, com o 8^o. Exército inglês do Marechal Visconde de Montgomery, obtendo a vitória de Monte Cassino e conquistando Roma, lutando nos Apeninos contra 20 divisões alemãs sob o comando do Marechal-de-Campo nazista Albert Kesselring. A FEB incorporou-se a esse esforço em julho de 1944, sendo que, no final do ano, Clark sucedeu o Marechal Visconde Harold Alexander no comando do 15^o. Grupo de Exército na Itália, formado por tropas norte-americanas e inglesas, com reforço de indianos, sul-africanos, australianos, neozelandeses, italianos antifascistas, poloneses, a Brigada Judaica e a FEB.

Com essas forças, o General Clark desfechou o golfe final no vale do Rio Pó, quando a FEB capturou, em abril de 1945, a 148^a. Divisão de Infantaria alemã, dissolvendo a Resistência nazista nos Alpes em 2 de maio de 1945, uma semana antes do colapso final do Terceiro Reich.

Nas notícias do jornal *Stars & Stripes*, que circulava entre as tropas norte-americanas na Europa, pode-se ler diversas manifestações de apreço do General Clark às tropas da Brigada Judaica e da FEB, sob seu comando, o que denota uma especial atenção.

Após a guerra, Clark tornou-se o comandante das tropas de ocupação na Áustria, onde procurou melhorar as condições dos sobreviventes do Holocausto nos campos de refugiados. Era um grande amigo do Brasil onde esteve por diversas oportunidades, participando de cerimônias alusivas a FEB. Faleceu em 1984 aos 87 anos.

4 Enfrentando um duplo perigo

Por serem judeus, um único grupo específico de soldados brasileiros enfrentou duplo perigo na guerra contra a Alemanha. Dos 25 mil homens da FEB, 450 eram do Grupo de Aviação de Caça e 70 eram enfermeiras que estiveram na Itália. Além dos perigos inerentes às guerras, havia a certeza da execução sumária caso fossem capturados, que foi, lamentavelmente, o destino de milhares de soldados judeus russos e poloneses capturados pelos nazistas quando da invasão daqueles países. Eram 25 heróis da FEB, que enfrentaram o duplo perigo, número que parece pequeno, mas proporcionalmente é igual ao percentual de judeus na população da época, ainda mais considerando que só brasileiros natos poderiam ser incorporados. Era, ainda, uma geração com grande maioria de imigrantes. Em uma população de 40 milhões de habitantes, havia 40 mil judeus, ou seja, 1X1000, a mesma encontrada na FEB: em 25 mil soldados, 25 eram judeus, ou seja, os mesmos 1X1000.

Os judeus estiveram presentes e se destacaram em todas as batalhas travadas pela FEB, particularmente na chamada “Trindade de Glórias”, as três importantes vitórias em Monte Castelo, Montese e Fornovo, nas quais alguns foram condecorados com importantes medalhas de valor militar.



Monte Castelo era uma elevação que fazia parte da Linha Gótica de defesa alemã, instalada ao longo dos pontos culminantes dos Apeninos. Era uma situação clássica dos manuais militares, em que o inimigo detém a vantagem da altura.

Os pracinhas tiveram que avançar morro acima sob baixas temperaturas e nutrido fogo alemão, sem apoio da aviação devido à chuva e neve, apenas na quinta tentativa sendo possível conquistar a posição, com tempo firme, que permitiu os bombardeios aéreos.

Já em Montese ocorreu uma batalha urbana em meio ao casario da cidade, situada sobre elevações a 900m de altitude. Milhares de tiros de artilharia foram disparados pela FEB e pelos alemães, o que determinou severa destruição na cidade.

A conquista de Montese abriu caminho para o Norte, permitindo o cerco em Fornovo di Taro da 148ª. Divisão de Infantaria alemã.

Em 28 de abril de 1945, dia em que Mussolini foi morto, a FEB localizou e cercou uma divisão inteira da *Wermacht*,¹ que se retirava em direção à fronteira da Itália com a Áustria, procurando chegar a Alemanha através do Passo de Brenner.

Sem alternativa, o General nazista Otto Freter Pico, comandante da 148ª Divisão de Infantaria alemã, e remanescentes da 90ª. Divisão Panzer acatou o *ultimatum* da FEB, rendendo-se incondicionalmente com mais de 15 mil homens, 4 mil viaturas e 500 canhões. Na mesma ocasião, rendeu-se o General italiano Mario Carloni, comandante da Divisão Alpina Monte Rosa e remanescentes da Divisão San Marco dos Bersaglieri.

Em icônicas imagens da época, os prisioneiros alemães aparecem sob a guarda de nossos pracinhas, que anteriormente eram descritos na propaganda nazista como sendo de uma raça inferior, já que a FEB era composta substancialmente por soldados de pele morena ou negra. Diante das imagens dos prisioneiros ditos “arianos”, desfazem-se cabalmente as pseudoteorias racistas que tanto mal causaram à humanidade.

5 Minibiografias de alguns soldados judeus de destaque

- **Humberto Gerardo Moretzsohn Brandi**, que cursou o CPOR, era descendente de David Moretzsohn Campista (1863-1911), o Ministro da Fazenda que foi combatido e acabou não se candidatando a Presidente da República por ser judeu. Uma rua em Botafogo leva o seu nome. O Tenente Brandi comandou a primeira tropa brasileira e aliada a ocupar e instalar-se na crista do Monte Castelo, o 2º. Pelotão da 3ª. Companhia do 1º. Regimento de Infantaria – o tradicional e histórico Regimento Sampaio. Era

¹ Forças armadas da Alemanha (compreendendo o Exército, a Marinha de Guerra, a Força Aérea e as tropas das Waffen-SS) durante o Terceiro Reich entre 1935 e 1945.



comandante da 3ª. Companhia o Capitão Yeddo Jacob Blauth. Pela sua participação na Tomada de Monte Castelo, a 21 de fevereiro de 1945, o Presidente da República, Getúlio Vargas, concedeu ao Tenente Brandi a Cruz de Combate de 1ª. Classe. Brandi foi ferido em ação no Monte Belvedere em 12 de março de 1945, recebendo a Medalha Sangue do Brasil. Os irmãos Tenentes Alberto e Moyses Chahon também subiram o Monte Castelo integrando o Regimento Sampaio. Reformado como General de Divisão, o 1º. Tenente Moyses Chahon foi um dos raros brasileiros a receber a "Silver Star" do Quinto Exército Norte-americano, que tinha a FEB sob sua jurisdição. Ferido em combate, o Tenente Moyses Chahon recebeu também a Medalha Sangue do Brasil, a Cruz de Combate de 2ª. Classe, e uma Citação de Combate do General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, expedida a 23 de fevereiro de 1945: "A combatividade, o espírito de sacrifício, a decisão inquebrantável, a elevada compreensão que tem da honra militar, a capacidade de comando reveladas pelo Ten Chahon, são exemplos dignificantes que desejo por em relevo, para os brasileiros que combatem na Itália". Seu irmão, o 1º. Tenente Alberto Chahon, do mesmo Regimento, como oficial de transmissões do 1º Batalhão, assegurando as ligações e transmissões de ordens mesmo sob fogo inimigo, recebeu a Cruz de Combate de 2ª. Classe.

- **Tenente Coronel Waldemar Levy Cardoso**, futuro Marechal, comandou um Grupo de Artilharia em Monte Castelo. Recebeu a Cruz de Combate de 2ª. Classe e a Bronze Star do Quinto Exército Norte-americano.
- **Tenente R/2 de Infantaria Salomão Malina**, do 11º. Regimento de Infantaria, atual 11º. Batalhão de Infantaria de Montanha, comandou o Pelotão de Desminagem. As minas alemãs causaram muitas vítimas, entre mortos e mutilados. Em atividade extremamente perigosa, detectando e desativando artefatos e armadilhas, Malina e seus comandados contribuíram para evitar maior perda de preciosas vidas brasileiras. Em reconhecimento, o Presidente da República, Getúlio Vargas, outorgou-lhe a Cruz de Combate de 1ª. Classe, medalha com a qual apenas poucos integrantes da FEB foram agraciados, por atos individuais de bravura. Em extensa citação no diploma, Malina é louvado:

[...] pela coragem com que comandou seu pelotão, abrindo caminho para a passagem da Infantaria no eixo de ataque através de terreno minado, sob pesado fogo da artilharia e de morteiros alemães, durante o avanço do Regimento.

Salomão Malina estudou na então Escola Politécnica do Largo de São Francisco, depois Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, onde, em singela peça escultórica, um soldado de arma na mão representa os nobres ideais daqueles estudantes, que em passeatas pediam ao Governo de Getúlio Vargas que declarasse



guerra ao Eixo, após o torpedeamento de tantos navios com perda de centenas de vidas de brasileiros inocentes. Uma placa na parede recorda os nomes de 9 bravos, na qual figura Salomão Malina. Os desígnios da vida impediram que Malina terminasse o curso de Engenharia. Ativista político, ele e sua família levaram uma vida atribulada, em que, não raro, foi perseguido, tendo que mudar de bairro, de cidade, ocultar-se e mudar de identidade. Salomão Malina foi militante histórico, último Secretário-Geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e ao final da vida Presidente Honorário do Partido Popular Socialistas (PPS). Faleceu em 2002, aos 80 anos, estando sepultado no Cemitério Israelita do Butantã, como Schlomo ben Yaakov.

- **Tenente de Artilharia Salli Szajferber**, foi Comandante da Linha de Fogo (CLF), e Observador Avançado da Artilharia. Salli combateu em dois grandes momentos da FEB, a Tomada de Monte Castelo e Montese. Exerceu a princípio as funções de Oficial de Motores e, em seguida, de Comandante de Linha de Fogo e Observador Avançado da Artilharia. Somente a sua bateria disparou 3.700 tiros de obus 105mm sobre Monte Castelo, que sumia em meio a fumaça dos bombardeios de artilharia e de aviação.

Em Montese, ele foi levemente ferido, quando Observador avançado junto a 9ª. Companhia do 3º. Batalhão do 11º. Regimento de Infantaria. Foi o mais sangrento combate da FEB, com 574 baixas entre mortos e feridos. O 3º. Grupo de Artilharia disparou, em Montese, 9 mil tiros. Em 28 de abril de 1945, a Bateria de Salli recebeu como missão apoiar o 6º. Regimento de Infantaria no cerco ao inimigo na Ofensiva da Primavera, o qual terminou por se render. Era a 148ª. Divisão alemã, nessa noite, a Bateria teve que fazer a guarda de 900 prisioneiros, quando foi apreendida uma enorme bandeira nazista, que hoje se encontra no museu do 20º. Grupo de Artilharia de Campanha Leve em Barueri-SP, o Grupo Bandeirante e que justamente a cada 29 de abril a 01:45 da madrugada comemora a última missão de tiro da Artilharia Divisionária da FEB na Itália. Pela sua bravura em ação na tomada de Montese, foi agraciado pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, com a Cruz de Combate de 1ª. Classe. O diploma, assinado pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, destaca sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Tenente Salli cumpriu galhardamente a sua missão de Observador Avançado ajustando com precisão os tiros da artilharia. Ele foi elogiado em Boletim pelo Comandante do Regimento Tiradentes, 11º. RI de São João D'el Rey, Cel. Inf. Delmiro Pereira de Andrade, pela bravura e espírito de sacrifício nas duras jornadas de 14 e 15 de abril, junto aos pelotões terrivelmente hostilizados pelo inimigo. A sua calma, a sua competência e a sua bravura pessoal o fizeram credor da admiração de toda a



Companhia. Salli faleceu no Rio de Janeiro em 9 de março de 2010, sendo sepultado no mesmo cemitério em que repousam seus pais, o Comunal Israelita, no Caju, no Rio de Janeiro. Compareceram familiares, seus antigos companheiros da FEB e uma Bateria do 11º. Grupo de Artilharia de Campanha, com seu Comandante Coronel Eric Julius Wurts, que prestou as honras fúnebres, com uma salva de tiros e a execução da Canção da Artilharia pela Banda de Música. Seu caixão coberto pela Bandeira do Brasil foi conduzido por membros da Ordem dos Velhos Artilheiros, a frente o General Nery, e seus companheiros Coronéis Aluízio Guimarães, J. Siqueira, Amerino Raposo, Marcel Padilla e Júlio Pádua.

- **Capitão Samuel Kicis**, filho de imigrantes judeus da Bessarábia (hoje Moldávia), nasceu em 1913 na cidade do Rio de Janeiro e concluiu o Curso de Artilharia da Escola Militar do Realengo em 1934. Embarcou para a Itália em 19 de setembro de 1944, onde comandou a 2ª Bateria do 4º. Grupo de Obuses 155mm, com 200 homens e o maior poder de fogo com que contava a Artilharia Divisionária da FEB. Exerceu a função de Observador Avançado em Torre di Nerone e no bem-sucedido ataque a Monte Castelo. Foi condecorado com a Cruz de Combate de 2ª Classe, falecendo no Rio de Janeiro em 1984, aos 71 anos, no posto de General-de-Divisão.
- **Boris Schnaiderman**, Professor, ensaísta, jornalista e escritor consagrado, tradutor, e maior autoridade em literatura russa no Brasil, nascido em Uman na Ucrânia justamente em 1917, ano da Revolução de Outubro. A família mudou-se depois para Odessa, onde Boris testemunhou a filmagem da cena clássica da escadaria em *O Encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein. Chegou ao Brasil em 1925 com 8 anos, naturalizando-se brasileiro em 1941. Schnaiderman, oriundo de uma família assimilada não falava ídiche. Autor de *Guerra em surdina*, livro autobiográfico e semificcional publicado em 1964, que relata sua experiência como Pracinha da FEB, onde serviu no 2º. Grupo do 1º. Regimento de Obuses Auto-Rebocado, tendo embarcado a 2 de julho de 1944 e retornado em 18 de julho de 1945. Ele foi 3º. Sargento e destacado para a Central de Tiro como controlador vertical, pelos seus conhecimentos matemáticos de engenheiro, formado pela Escola Nacional de Agronomia na então Universidade Rural da antiga Rio-São Paulo em Seropédica, Rio de Janeiro. Schnaiderman não pôde fazer o CPOR, privativo de brasileiros natos, mas, como engenheiro agrônomo, deveria se naturalizar e prestar o Serviço Militar, para poder exercer a profissão. Era a norma do Estado Novo. Em 1960, foi o primeiro professor do Curso de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo (USP). Durante o regime militar, foi preso em sala de aula. Era portador de passaporte soviético e, em 2007, recebeu a Medalha Pushkin, concedida pela URSS pela divulgação da cultura russa.



• **Carlos Scliar** nasceu em Santa Maria da Boca do Monte em 21 de junho de 1920. Foi um dos grandes mestres brasileiros da gravura e da pintura. Ele embarcou para a Itália em 22 setembro de 1944, integrando o 1º. Grupo do 1º. Regimento de Obuses Auto-Rebocados, retornando em 28 de julho de 1945 com a Tropa do QG. Durante a guerra, desenhava as cenas que assistia, as quais foram reunidas em seu retorno formando os *Cadernos de guerra*. Para nós, refletiu, o nazismo, com seus campos de concentração, onde milhões de pessoas foram exterminadas por razões ideológicas, raciais e religiosas, foi uma monstruosidade que não cabe em lugar nenhum. Primo de Carlos Scliar, o médico e escritor Moacyr Scliar enviou um texto que foi lido em 1º. de maio de 2005 no Grande Templo Israelita, no Rio de Janeiro, durante a homenagem aos Heróis Brasileiros Judeus da Segunda Guerra Mundial: “[...] ser primo do Carlos Scliar era para mim motivo de orgulho. No *front* e na vida Carlos Scliar foi um lutador admirável e humano. Faz falta. Faz muita falta.” Scliar faleceu em 28 de abril de 2001 no Rio de Janeiro, onde foi cremado, e as cinzas, atendendo a seu pedido, foram lançadas no mar de Cabo Frio, onde foi criado o Instituto Cultural Carlos Scliar para administrar a casa-museu, aberta ao público em 2003. Em 2011, o Instituto Municipal do Patrimônio Cultural (PMCF) tombou o acervo e a Casa Ateliê na qual Scliar morou ao longo de 40 anos.²

• **Jacob Gorender**, escritor, jornalista e historiador, nasceu em 20 de janeiro de 1923, em Salvador, Bahia. Filho de Ana e Nathan Gorender, seu pai, judeu ucraniano socialista, não sendo sionista, emigrou em 1905 para a Argentina e de lá seguiu para a Bahia, onde como tantos correligionários naquela época, ganhava o sustento como vendedor a prestação. Coursou a Faculdade de Direito onde teve contato com estudantes comunistas, que participaram ativamente da mobilização pela entrada do Brasil na Segunda Guerra, após os torpedeamentos em 1942. Gorender foi soldado do 1º. Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, da Vila Militar, do Rio de Janeiro, onde integrou o Pelotão de Transmissões, participando das batalhas da Tomada de Monte Castelo, Montese, Campanha dos Apeninos e a ofensiva até Piacenza. Ele embarcou para a Itália com o 1º. Regimento de Infantaria aos 22 de setembro de 1944, sendo licenciado do serviço ativo aos 15 setembro de 1945, como Reservista de 1ª. Categoria, tendo sido agraciado com a Medalha de Campanha. Seu Comandante foi o Capitão Castello Branco e o Comandante do Regimento foi o Coronel Caiado de Castro. Em Pistoia, na Toscana, frequentou a sede do Partido Comunista Italiano, presenciando o discurso de Palmiro Togliatti (1893–1964), secretário-geral do PCI e homem de confiança de Josef Stalin na Itália. De volta ao Brasil, militou no PCB,

² Informações disponíveis em: <<http://carlosscliar.com/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 22 out. 2017.



legalizado em 1945. Foi sócio-fundador da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Foi expulso do PCB em 1967, criando no ano seguinte o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), com Apolônio de Carvalho e Mario Alves. Em 1969, o partido ampliou as ações de guerrilha e seus membros ingressaram na clandestinidade. Ao longo de 6 anos, Gorender teve 30 esconderijos diferentes. Em 1970, foi preso pelo Delegado Sergio Paranhos Fleury e levado ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), no Presídio Tiradentes. Sua obra mais conhecida é *Combate nas trevas* – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada, considerado um clássico da história da esquerda durante o Regime de 1964. Em 16/1/2006, Gorender concedeu entrevista ao programa Roda Viva,³ no qual, respondendo a Beatriz Kushnir, historiadora e diretora do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro relatou:

[...] nunca tive isso, não passei por esse problema em qualquer parte da minha vida e em qualquer setor profissional por ser judeu. Eu considero que, na prática, não existe antissemitismo no Brasil. Há antissemitas, isso há, sobretudo quando houve o integralismo, o Gustavo Barroso [(1888-1959), foi advogado, jornalista, escritor, militante fascista e antissemita extremado. Foi comandante geral das milícias da Ação Integralista Brasileira (AIB) e membro de seu Conselho Superior. Apoiou o golpe do Estado Novo (1937)]. Mas uma militância antissemita não existe. Pelo menos, nunca me atingiu. E, no caso da guerra, sem dúvida alguma, eu tinha plena consciência que se fosse feito prisioneiro, eu estava liquidado. Meu nome é inconfundível. Todos nós tínhamos uma chapa com o nome e número de inscrição para a eventualidade de ferimento ou de morte, aquilo orientava. Então eu não tinha dúvidas a esse respeito. Mas considerei que devia me apresentar voluntário. [...]

Eu posso dizer que, nessa minha estada na Itália, conheci duas grandes personalidades da vida italiana daquela época. Uma foi justamente o comunista Palmiro Togliatti e a outra foi o papa Pio XII [(1876-1958), nomeado Papa em 1939. Coerente com a orientação da Igreja, que já condenava o marxismo, em 1947, apoiou o partido da Democracia Cristã que venceu as eleições italianas, e proibiu o clero católico de votar no Partido Comunista. Sua ação durante a Segunda Guerra Mundial tem

³ Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/526/entrevistados/>>.



sido alvo de discussão e polêmica] [risos] Eu estive numa audiência que ele concedia em Roma – eu estava em Roma naquele momento – e num salão suntuoso do Vaticano junto com centenas de soldados, a maioria deles poloneses, mas também americanos etc. E, ali, o papa Pio XII, em certo momento, apareceu na parte do recinto a ele reservado e, pelo que eu me lembro, falou em quatro ou cinco línguas diferentes, inclusive em português. Havia muitos soldados brasileiros e ele sabia disso, e ele fez essa saudação ao Brasil, país católico, cristão.

Pensador marxista, ele foi um dos grandes vultos intelectuais da FEB e um dos mais respeitados militantes da esquerda brasileira, residia em São Paulo, era Professor Visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP, vindo a falecer em 11 de junho de 2013 aos 90 anos, em sua casa no bairro de Pompéia. Foi sepultado no Cemitério Israelita do Butantã, São Paulo. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, assinou decreto dando o nome de Gorender a uma rua na Barra da Tijuca, próxima à Avenida das Américas.

Conclusão

Conforme exposto, a comunidade judaica brasileira, assim como suas congêneres das Nações Aliadas, também ajudou expressivamente a compor as respectivas forças nacionais na luta contra o nazi-fascismo e seus sequazes que pretendiam um Reich milenar que durou tão somente 11 anos de sofrimento para os povos, especialmente, o judeu.

O mundo livre resistiu e derrotou o nazismo, contando com importante papel desempenhado pelos soldados judeus, cujo povo sofreu a maior perda percentual de vidas, 1/3 da população judaica mundial. Nem a URSS sofreu tamanha perda proporcional.

No Brasil de então, havia antissemitismo, como também a quinta-coluna, nazistas comandados pela embaixada alemã e as circulares secretas do Itamaraty, que proibiam a entrada de judeus refugiados, que, entretanto, não conseguiram impedir que o Brasil chegasse a receber um certo número de judeus refugiados do nazismo, entre eles, muitos profissionais liberais que ajudaram no desenvolvimento nacional. Alguns eram muito destacados, como o professor Fritz Feigl, que descobriu a síntese da cafeína, e tantos outros.

Mesmo assim, nada impediu que judeus brasileiros se incorporassem desde a primeira hora às tropas que seguiriam para o *front*, onde lutaram contra uma ideologia



equivocada, que produziu um Holocausto. Em 30 de abril, Hitler se suicida, em 2 de maio a guerra termina na Itália e a 8 de maio em toda Europa.

Após o final da guerra, muitos judeus imigraram para o Brasil. Sobreviventes do Holocausto traziam o braço tatuado com o número infame que receberam nos campos de trabalho e de extermínio. Havia centenas e hoje, como ocorre com os ex-combatentes, restam alguns poucos.

A FEB retorna vitoriosa à terra natal, mas é logo dissolvida por ordens do governo Vargas, temeroso de uma eventual ação para derrubá-lo, o que afinal acabou acontecendo meses depois.

Para o Brasil, especialmente sua comunidade judaica, cujos filhos atenderam ao chamamento em defesa da pátria, o capital simbólico da luta da FEB permaneceu, recordando a vontade nacional, que uniu o povo brasileiro há exatos 75 anos, em torno dos ideais de igualdade e justiça social, por um mundo melhor para todos.

Recebido em: 30/09/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.